



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS IV – CATOLÉ DO ROCHA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

GESIANA ALVES DA SILVA

**MÚSICA E IDEOLOGIA: ANÁLISE DISCURSIVA DAS CANÇÕES “GERAÇÃO
COCA-COLA”, “ÍNDIOS” E “QUE PAÍS É ESTE”**

**CATOLÉ DO ROCHA
2014**

GESIANA ALVES DA SILVA

MÚSICA E IDEOLOGIA: ANÁLISE DISCURSIVA DAS CANÇÕES “GERAÇÃO COCA-COLA”, “ÍNDIOS” E “QUE PAÍS É ESTE”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do Grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Carolina Coeli Rodrigues Batista de Araújo

**CATOLÉ DO ROCHA
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Silva, Gesiana Alves da.

Música e ideologia [manuscrito] : análise discursiva das canções "geração coca-cola", "índios" e "que país é este" / Gesiana Alves da Silva. - 2014.

48 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Carolina Coeli Rodrigues Batista de Araújo, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Análise do Discurso. 2. Discurso. 3. Canções. 4. Legião Urbana. I. Título.

21. ed. CDD 372

GESIANA ALVES DA SILVA

MÚSICA E IDEOLOGIA: ANÁLISE DISCURSIVA DAS CANÇÕES “GERAÇÃO COCA-COLA”, “ÍNDIOS” E “QUE PAÍS É ESTE”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do Grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Carolina Coeli Rodrigues Batista de Araújo

Aprovada em: 26/11/2014.

BANCA EXAMINADORA

Carolina Coeli R. Batista

Prof. Me. Carolina Coeli Rodrigues Batista de Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rômulo Lima

Prof. Me. Rômulo Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Aparecida Calado de O. Santos

Prof. Esp. Maria Aparecida Calado
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho aos meus pais Damiana e Geraldo pelos exemplos e pelos ensinamentos e ao meu querido irmão Gesley, pela cumplicidade. Vocês são as pessoas mais importantes da minha vida. Às minhas primas Ingrid Gabrielly e Ester. À minha família. Em vocês encontro a paz que eu preciso.

AGRADECIMENTOS

Depois de tantos desafios enfrentados ao longo dessa caminhada, com força de vontade, perseverança e acima de tudo com muito comprometimento, finalmente consegui a vitória. No entanto, nada teria conquistado se não fosse a presença de Deus em minha vida.

Rendo graças a Deus pela vida e por ter permitido todas as graças até aqui alcançadas. Agradeço pela força a mim concebida durante esses longos dias de caminhada, os quais vivi intensamente, passo a passo, sempre em busca do melhor para mim e para aqueles que precisavam de minha humilde ajuda. Meu reconhecimento a Ti Senhor!

À minha família, principalmente, aos meus pais **Damiana** e **Geraldo** e ao meu irmão **Gesley** pelas palavras de incentivo, carinho, pela compreensão, suporte constante e por nunca me deixarem desistir. À vocês, o meu amor incondicional. Agradeço também a minha tia **Nazaré** e minha prima **Andressa** pela acolhida durante os meus primeiros passos na Universidade. Enfim, sou grata imensamente a toda minha família pela confiança depositada.

Sou grata aos amigos de longas datas que vivenciaram comigo os deleites desse processo acadêmico e, principalmente, à **Fabiana** que sempre compreendeu quando eu precisava me ausentar. Às minhas companheiras de trabalho **Édina**, **Jaidete**, **Cláudia**, **Damiana**, **Liliane** e **Ananeri** que não mediram esforços quando necessitei delas.

Agradeço imensamente a Universidade Estadual da Paraíba, onde eu pude conhecer professores de extrema sabedoria, os quais nortearam a minha formação profissional na academia. Sou grata a cada um, sem exceção. O meu apreço à **Doralice de Freitas** e **Marcos Rosendo**, professores e amigos.

O meu carinhoso obrigada a todos da turma de Letras 2010.2, não tenham dúvidas, vocês sempre ficarão guardados em minhas melhores lembranças, pois como sabemos, foram inúmeros os momentos de felicidades e desânimos; angústias e superações.

Sem esquecer das minhas queridas companheiras, amigas e irmãs, **Paula**, **Laura** e **Francieide**, pelas lutas que travamos juntas, pelo medo que dividimos, pela coragem de enfrentar o novo, pela cumplicidade e, por juntas alcançarmos a vitória. Obrigada meninas!

Meu imenso agradecimento também, à **Andresa Wrielly, Ravena, Poliana e Mízia**, pessoas maravilhosas que Deus colocou em minha vida e que me acolheram com tanto carinho. Tenho vocês como irmãs! À **Vanessa, Flaviana, Geralda, Samara, Michele e Rafael**, obrigada pela Amizade e pelas palavras de apoio.

Enfim, agradeço a minha querida professora e orientadora **Carolina Coeli** pela paciência e dedicação ao meu trabalho. Dos seus ensinamentos vieram os meus primeiros passos na Análise do Discurso. Sou feliz por isso. Muito Obrigada!

Enfim, sou grata sem exceção e sem variação de tempo.

Obrigada!

“Luz e sentido e palavra.”
(Renato Russo)

RESUMO

No contexto de uma sociedade é estabelecida constantemente uma relação dialógica entre nós, os outros e o mundo, permitindo-nos estar envolvidos em várias situações e práticas sociais nas quais existe certa circulação de saber e poder. Dentre essas práticas está o discurso agindo como prática de linguagem e verbalização da realidade. Dessa forma, esse trabalho é resultado de um estudo sobre os discursos presentes em três músicas, à luz dos referenciais da linguagem propostos pela a Análise do Discurso de linha francesa. As três músicas escolhidas como *corpus* dessa pesquisa são “Geração Coca-Cola”, lançada em 1985 no disco “Legião Urbana”, “Índios”, lançada em 1986 no disco “Dois” e “Que País é Este” de 1987, lançada no disco que leva o nome da música “Que País é Este 1978/1987”. Essa é uma pesquisa de cunho bibliográfico e analítico que tem como proposta observar os efeitos de sentidos das músicas com relação às críticas sociais direcionadas ao consumo do sistema Capitalista, à política, à sociedade brasileira de modo geral. As discussões teóricas e as análises desse trabalho estão principalmente aportadas nas teorias de Orlandi (2001), Fernandes (2005) e Brandão (2004), as quais possibilitam-nos entender os estudos de Michel Pêcheux e Michel Foucault referentes ao discurso.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Discurso. Canções. Legião Urbana.

ABSTRACT

In the context of society is often established a dialogic relationship between us, others and the world, allowing us to be involved in various situations and social practices in which there is right circulation of knowledge and power. Among these practices is the speech as practice language and verbalization of reality. Thus, this work is a result of a speech present in three songs, in the Light of the references the language proposed by the Analysis Discourse French Line. The three songs selected as the corpus of this research are "Geração Coca-Cola" launched in 1985 on album "Legião Urbana", "Índios" launched in 1986 on album "Dois" and "Que País é Este" of 1987 launched in album that bears the same name of the song "Que País é Este 1978/1987". This is a bibliographic and analytical nature of research that proposes observe the effects of the senses of songs in relation to Social Criticism directed at the consumption of Capitalist System, regarding politics, the Brazilian society of general. The theory discussion and analysis are mainly identified in theories of Orlandi (2001), Fernandes (2005) and Brandão (2004), which enable us understand the studies of Michel Pêcheux and Michel Foucault related to discourse.

Keywords: Discourse Analysis. Speech. Songs. Legião Urbana.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
FD	Formação Discursiva
FDs	Formações Discursivas
LU	Legião Urbana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA.....	14
1.1 Percurso Histórico da Análise do Discurso.....	14
1.2 Por Que Estudar o Discurso?.....	19
2. CONCEITOS BASILARES DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	22
2.1 Língua, Discurso e Ideologia.....	22
2.2 Sujeito e Formação Discursiva.....	26
3. MÚSICA E IDEOLOGIA:.....	30
3.1 Crítica Social nas Músicas da Legião Urbana.....	30
3.2 Abaixo à Ideologia Capitalista: Análise Discursiva das Canções “Geração Coca-Cola”, “Índios” e “Que País é Este”.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

As músicas que circulam no Brasil no momento sócio-histórico da década de 1980 têm caráter valorativo até hoje, por tratarem de músicas que descrevem a sociedade tal como ela encontra-se na época. O valor dessas músicas não só está relacionado a uma questão comercial de consumo, mas também à grande carga ideológica em forma de crítica que elas trazem em suas entrelinhas.

Há nesse momento histórico do país, certo descontentamento quanto ao sistema capitalista imposto pelo estado, descontentamento esse, presente, de certa forma, em toda a população brasileira que saem às ruas protestando por dias melhores para o Brasil. Os protestos nesse dado momento, são encontrados em mais variadas formas, dentre elas em forma de música, mais especificamente ao som do Rock, pois conjuntamente com todo esse descontentamento, essa vertente da música emergia no país. É, pois, um momento significativo para o Rock brasileiro no qual várias bandas se formam. Dentre elas, a banda Legião Urbana, formada em 1982 pelo líder Renato Russo com músicas que carregam ideologicamente, fortes críticas ao capitalismo, bem como à sociedade de modo geral.

Partindo dessas considerações, este trabalho de pesquisa bibliográfica e analítica tem como objetivo analisar as críticas sociais presentes nas canções “Geração Coca-Cola”, composição de Renato Russo e Dado Villa Lobos; “Índios”, composição de Renato Russo e “Que País é Este” composta também pelo letrista Renato Russo. São canções interpretadas pela banda Legião Urbana que de certa forma, contrapõem aos ideais capitalistas vivenciados na década de 1980. As críticas não só estão direcionadas ao capitalismo, mas voltam-se à todas as instâncias sociais: como a desordem do país em relação a política e economia.

Dessa forma, encontra-se dividido em três capítulos, o primeiro, “Análise do discurso de linha francesa” no qual se discute o processo histórico da Análise do Discurso, bem como responde ao questionamento do porquê de se estudar o discurso. Por conseguinte, o segundo capítulo, o qual realiza uma abordagem dos conceitos bases da Análise do Discurso inserida em “Conceitos basilares da análise do discurso” e por fim, a análise propriamente dita em “Música e ideologia” o qual realiza-se uma apresentação do histórico da banda Legião Urbana e analisa respectivamente as músicas “Geração Coca-Cola”, “Índios” e “Que País é Este”. Para uma melhor organização teórica, é utilizado, principalmente, os referenciais

teóricos de Orlandi (2001), Fernandes (2005) e Brandão (2004), os quais possibilitam-nos entender as teorias fundantes de Michel Pêcheux e Michel Foucault.

Contudo, este trabalho propõe contribuir socialmente aos admiradores dessa cultura musical oferecendo-lhes subsídios de análises e reflexões numa perspectiva mais crítica de modo a fazer considerações entre as músicas e o contexto social em que elas se apresentam. E, ainda que seja de caráter aprendiz, pretendemos contribuir, academicamente com docentes de Língua Portuguesa que se interessam e ou trabalham com a Análise do Discurso.

1. ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

1.1 Percurso Histórico da Análise do Discurso

A Análise do Discurso (AD) se constrói em meio a várias correntes teóricas que rompem épocas e séculos diferentes. Para tanto, a AD “resulta, ao mesmo tempo, da convergência de correntes recentes e da renovação da prática de estudos muito antigos de textos (retóricos, filológicos e hermenêuticos).” (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2004, p. 43). Em consequência disso, para proceder argumentações a respeito do processo histórico da AD de orientação Francesa é pertinente que façamos uma abordagem das teorias precursoras que constituem sua afirmação como teoria.

A análise do discurso de linha francesa ao ultrapassar o patamar teórico da Linguística passa a fazer relação entre o linguístico e o sócio-histórico. Ela surge a partir dos estudos epistemológicos de Michel Pêcheux por volta dos anos 1960 em meio a uma atmosfera de questionamentos teóricos no que concerne o tratamento da linguagem no campo das ciências humanas. De acordo com Orlandi (2001, p. 20), a AD de linha francesa surge da interdisciplinaridade articulada entre os campos da Linguística de Ferdinand de Saussure, a teoria do Materialismo Histórico de Karl Marx e a Psicanálise de Freud.

Outros estudos apontam essa interdisciplinaridade entre as teorias do Materialismo Histórico, da Linguística e da Teoria do Discurso e, confrontando com a primeira reflexão, Gregolin *apud* Fernandes (2005, p. 68) pontua que esses três campos disciplinares “são atravessados por uma teoria subjetiva de ordem psicanalítica, que traz o inconsciente para o interior de suas reflexões.” Daí a presença da Psicanálise na interdisciplinaridade da AD.

Cada disciplina tem sua particularidade quando se trata do caráter de contribuição para a formação da Análise do Discurso enquanto teoria. Da Linguística de Ferdinand de Saussure vem o aporte primeiro, por assim dizer, pois é dela que vem o suporte sistemático e estrutural que vai desde os mecanismos sintáticos da língua aos processos de enunciação. Deste modo, a Linguística contribui com seus “elementos linguísticos que possibilitam a materialização dos discursos; [...]” (ORLANDI *apud* FERNANDES, 2005, p.65)

Ainda nesse contexto, os estudos da linguagem realizados por Saussure conferem à linguagem o caráter de não transparente o que é significante para a Análise do Discurso. Quanto a essa afirmação, Orlandi (2001) ressalta:

A Linguística constitui-se pela afirmação da não transparência da linguagem: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise do Discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/ pensamento/ mundo, não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Cada um tem sua especificidade. (ORLANDI, 2001, p. 19)

Com essa afirmação é possível identificar que o que interessa para a Análise do Discurso é realmente entender e apontar que no discurso há falhas e equívocos, ou seja, lacunas possíveis de serem preenchidas por outros elementos exteriores à língua. É nessas lacunas que penetrarão o sujeito e a história agregando maiores valores ao discurso. De fato, o discurso não é algo pronto e fechado realizado termo a termo que será entendido como proferido, ou seja, existe uma linha tênue entre o proferir o discurso a entender o que foi proferido provocando deslocamentos que surgem justamente da relação com extralinguístico.

Portanto, a Linguística, serve como base e ou estrutura para a Análise do Discurso, isto é, é o cenário profícuo para a AD, pois as considerações elaboradas por essa teoria servem como alicerce na qual e pela qual a AD se constitui.

Na AD, a língua é trabalhada em função da materialidade e por isso abre espaço para o que está no exterior, ou seja, na AD as análises deixam de ser de conteúdo próprio do dizer e tomam outros rumos, o de analisar além do que é dito, considerando, sobretudo, o que está na exterioridade da língua e que de certa forma complementa a posição do discurso. Em outras palavras, Michel Pêcheux traz para o estudo do discurso as heranças conceituais do Materialismo Histórico Marxista, colocando a exterioridade – o que é extralinguístico – o real vivido pelo sujeito quando afetado pela Ideologia. Então, do Materialismo, a AD compreende as considerações de Ideologia postulado por Althusser em sua releitura da obra de Karl Marx que contribui para que Pêcheux tenha uma maior sustentação sobre a não ingenuidade da linguagem.

Sobre a Psicanálise, que já vem sendo colocada desde os primeiros textos de Michel Pêcheux, são herdadas questões relacionadas ao inconsciente do sujeito afetado pela história. Para Orlandi (2001, p. 21), “o sujeito de linguagem é afetado

pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como eles o afetam”. Dito de outro modo, o sujeito é dotado do inconsciente e não é dono de sua vontade, inconsciente esse que se materializa da recorrência aos processos históricos. Esses estudos referentes ao sujeito e ao inconsciente vêm da releitura de Freud realizada por Lacan.

Por meio das considerações acima citadas, podemos entender que a Análise do discurso compila conhecimentos de diversos campos do saber, porém ela consta em um quadro particular do conhecimento, ou seja, sua particularidade é concebida pelo fato de ela ter um objeto próprio de estudo, o discurso.

Apresentados os campos disciplinares que constituem a Análise do Discurso, faz-se importante mencionar suas fases e, em síntese, explorá-las. Como sabemos, o projeto elaborado por Michel Pêcheux referente à teoria da Análise do Discurso caracteriza-se por mudanças e ou desconstruções nos seus principais conceitos e essas mudanças estão configuradas em três fases distintas: AD1, AD2 e AD3. (FERNANDES, 2005, p. 79). Essas fases estão exploradas, principalmente, no texto “A análise do discurso: três épocas”, Michel Pêcheux, refere-se a AD1 como sendo o período da Máquina Discursiva, a AD2 como o apogeu das Formações Discursivas e a AD3 como o período de desconstrução das Máquinas Discursivas e o primado do Interdiscurso.

A primeira fase da AD refere-se à Máquina Discursiva que é marcada pelo domínio metodológico estrutural pós Saussure, ou seja, o procedimento efetivado nesse momento é regulado linguisticamente a partir do posicionamento estrutural responsável pela produção processual de um discurso.

Segundo Fernandes (2005, p. 80), a Máquina Discursiva “pode ser compreendida como um conjunto de discursos produzidos em um dado momento” que resulta das condições de produção homogêneas e estáveis, portanto, fechados em si, isto é, os discursos estudados nesse período são mais estabilizados e, conseqüentemente menos polêmicos, possibilitando uma menor variação de sentidos. Em outras palavras, pode-se dizer que cada processo discursivo é originado por uma Máquina Discursiva o que confere ao sujeito desempenhar a função de assujeitado preso a uma ideologia, submisso às regras próprias do discurso que o enuncia. Isso implica dizer que esse sujeito está condicionado a somente uma máquina discursiva.

Por outro lado, tem-se a ilusão de que o sujeito é a fonte do discurso e produtor do sentido, porém é somente o suporte, o servo do discurso. Essa noção conferida ao sujeito na AD1 foi desenvolvida por Michel Pêcheux a partir da leitura das teorias de Althusser. Portanto, essa fase pode ser caracterizada pela influência de Althusser e sua releitura da teoria lacaniana.

Na AD2 a noção de Máquina Discursiva fechada em si aos poucos vai perdendo espaço e dando lugar ao conceito de Formação Discursiva (FD) emprestado da obra de Michel Foucault, conceito esse que gera o processo de mudança no que diz respeito ao objeto de Análise do Discurso. O conceito foucaultiano, diz que a Formação Discursiva é:

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2009, p.43-44).

Em outras palavras, a FD é o que delimita tudo que pode ser dito ou não em uma determinada posição e situação, ou seja, suas regras possuem caráter social e controlam o que cabe(interno) ou não cabe (externo) em uma formação discursiva. Conseqüentemente, as FDs definem-se sempre em relação ao externo, atravessadas por outras FDs. Portanto na AD2, o objeto se encontra nas relações entre as máquinas discursivas o que desloca a noção de máquina fechada em si própria.

Na AD2 o sujeito permanece a desempenhar a posição de assujeitado porque ele depende das condições impostas nas formações discursivas e ideológicas, mas sofre significativa alteração quanto à sua característica na AD1, passando a permear por entre as formações discursivas com as quais ele se amolda, portanto, influenciado pela FD.

O conceito de Interdiscurso começa a ser moldado ainda na AD2, porém, é na AD3 que acontece o primado interdiscursivo. É finalmente nessa fase que Pêcheux passa a enxergar a heterogeneidade do discurso e como consequência disso, ocorre o declínio das concepções de Máquina Discursiva fechada em si, ou seja, é na AD3, segundo as palavras de Fernandes (2005, p.83), que explode “o primado teórico do outro sobre o mesmo; a ideia de homogeneidade atribuída à noção de condições de produção do discurso é definitivamente abandonada”.

Nessa terceira fase é tomada a ideia de que uma FD é atravessada por diversos discursos e esses não se formam independentemente, mas se formam no interior do interdiscurso que vai regular o que pode ou não ser dito. O interdiscurso constitui uma Formação Discursiva e é definido por Pêcheux como memória discursiva, um conjunto de já ditos, isto é um conjunto de vários discursos já enunciados outras vezes que dão base a todo dizer posterior, os quais o sujeito não tem consciência dessa determinação externa (já ditos), uma vez que tudo isso são efeitos produzidos ideologicamente. É reconhecida, pois, a heterogeneidade discursiva determinada por meio das múltiplas faces assumidas pelo sujeito. Nas Palavras de Pêcheux (1997):

[...] o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória de interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material que reside no fato de que “algo fala” (ça parle) sempre, “antes de outro lugar independentemente”, isto é, sobre a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1997, p. 162).

Em outras palavras, a função de uma Formação Discursiva é interferir no sentido de indicar qual discurso pode ser enunciado em um dado espaço social e momento histórico e não em outros, pois sabemos que um mesmo tema pode causar tensões conflituosas, ou seja, numa mesma FD existem vários discursos que se contradizem e é, pois, preciso identificar qual o melhor a ser enunciado em cada situação de enunciação.

De acordo com delineamento do percurso da AD de linha francesa é possível observar que alguns conceitos se destacam e de certa forma tornam-se conceitos basilares da teoria. A Ideologia e o Discurso, por exemplo, são duas significativas vertentes que influenciam diretamente a corrente francesa da Análise do Discurso, seguidos pela a ideia do Sujeito do discurso e pelas Formações Discursivas e suas condições de produção.

Portanto, refletir sobre o que norteia os estudos acerca do percurso histórico da AD possibilita-nos perceber as nuances desse assunto, bem como identificar e analisar os avanços ocorridos desde os estudos primeiros até sua formulação como teórica, uma vez que, compreendemos de fato, que todas as reformulações realizadas por Pêcheux estão trançadas entre as três fases que contribuíram para a formação teórica da Análise do Discurso. Ora se realizam apenas revisões e

mantem o objeto e a forma de análise, ora desconstrói toda uma ideia já formulada e inicia uma nova perspectiva em busca do objeto de estudo.

1.2 Por que estudar o Discurso?

Para responder a essa pergunta, convenhamos que é importante sistematizar um quadro representativo que apresente o que podemos compreender sobre o discurso ou o que pode ser abordado sobre o que norteia esse universo, pois se trata de algo um tanto complexo. Nesse sentido, para nortear tal resposta recorreremos a concepções de teóricos que significaram e ainda significam no cenário do discurso.

São várias e significativas concepções que norteiam o universo do discurso, uma delas é a de Michel Foucault que define o discurso como “um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva”. (*apud* BRANDÃO, 2004, p. 33). Outra, é a concepção de Michel Pêcheux (1993, 79) a qual compreende que o discurso configura-se na materialização da ideologia, ou seja, o discurso se manifesta e se materializa ideologicamente a partir de como ele é organizado nos modos de produção social. Já na perspectiva de Fairclough (2001, p. 90), o discurso está ligado à produção social que reproduz e ou transforma as questões sociais e culturais, isto é, é uma ação, de certa forma, pela qual as pessoas agem no mundo e sobre o outro. “O discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. (ORLANDI, 2005, p.15).

Vale ressaltar que são apenas concepções primeiras realizadas em síntese, mas que permite-nos perceber que estudar o discurso é contemplar um universo permeado por discussões que vão desde questões empíricas a teóricas, as quais interessam a esse trabalho. Com isso, percebemos nas teorias citadas acima certa peculiaridade quanto às suas colocações sobre o discurso, muito embora, pode ser destacado também que todas dessa representação tendem a refletir sobre o que está no social, no extralinguístico e não se detêm ao mero funcionamento da língua. Desta feita, o extralinguístico pode ser compreendido simbolicamente como aquilo que está no social. Nessa instância “dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística.” (FERNANDES, 2005, p. 20).

A proposta de estudar o discurso advém da percepção de que sua configuração se dá em meio a um universo sócio-histórico-ideológico que se constrói e se desconstrói constantemente, ou seja, os discursos ecoam em uma realidade em constante mutação. Observemos o discurso na sociedade. Socialmente, a vida é permeada por práticas sociais que são desempenhadas e desenvolvidas em diferentes momentos e espaços nos quais as pessoas usam de artifícios materiais e ou representativos para se mostrarem que podem estar em consonância com o espaço em que vivem e com o mundo. É o discurso um dos elementos envolvido nessas práticas sociais do mundo.

Pensemos sobre a importância do discurso no mundo. Como seriam as práticas e as relações sociais se não fosse o discurso como prática de linguagem e forma de verbalização de uma realidade? Provavelmente, não seriam, ou até mesmo, não existiriam, pois é por meio do discurso que de certo modo podemos saber e compreendero “material” da realidade do mundo ao qual estamos inseridos. Conseqüentemente, é na relação de fusão com o mundo sócio-histórico-ideológico que o discurso passa a ter sentido. De acordo com Brandão (2004),

O discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso que passa por verdadeiro, que veicula o saber (o saber institucional), é gerador de poder. (BRANDÃO, 2004 p. 37).

Obviamente, o discurso não é pronto e não acontece por acaso, quem o produz tem propriedade para realizá-lo, isto é, quem o produz tem conhecimento da situação de produção e o realiza com certa intencionalidade, daí o caráter gerador de poder. Em voga, quem produz assume institucionalmente certa posição ideológica e é essa posição que motiva os discursos; a produção desse discurso gerador de poder é sistematicamente organizada para que qualquer ameaça à ideologia que está sendo sustentada seja esquivada.

O discurso é um atuante ímpar na sociedade, pois “se ao dizer nos significamos e significamos o próprio mundo, ao mesmo tempo, a realidade se constitui nos sentidos, que enquanto sujeitos, praticamos.” (ORLANDI, 2001, p. 95). De alguma forma, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo, por que, pelo que se luta poder do qual podemos nos apoderar, permitir atransubstanciação e fazer do pão um corpo.”

(FOUCAULT, 1996, p. 10-11). Desta feita, pode ser entendido que o discurso tem poder de nos significar enquanto sujeitos e, enquanto sujeitos e senhores dos discursos, podemos conceder significado ao mundo.

No entanto, estudar o discurso, como vimos nas considerações citadas, é relacioná-lo às práticas sociais e enxergá-lo como forma de materialização das ideologias, o que nos leva a entender que o discurso é uma realidade complexa e é por essa complexidade que inúmeros estudos são desenvolvidos ao seu respeito.

Por que estudar o discurso? Ora, para tentar apreender sua complexidade e através dela poder compreender, por meio da linguagem, como o homem atribui sentido/significado a si próprio e ao universo sócio-histórico-ideológico no qual se insere. “Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos.” (ORLANDI, 2001, p. 17).

2. CONCEITOS BASILARES DA ANÁLISE DO DISCURSO

2.1 Língua, discurso e ideologia

Vimos nos traços iniciais desse trabalho que a AD se constitui da interdisciplinaridade articulada entre as diferentes áreas do conhecimento, em consequências disso, vários conceitos são tomados emprestados dessas áreas, os quais se reúnem e formam conceitualmente a base necessária para a Análise do Discurso. A princípio, são eles, os conceitos de língua, discurso e ideologia que serão abordados na sequência.

Compreendamos a língua a partir de conceitos dicionarizados. O que é a língua? Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2001, p. 427), língua é “o conjunto das palavras e expressões, faladas ou escritas, usadas por um povo, por uma nação e o conjunto de regras da sua gramática”. Já outro conceituado dicionário brasileiro conceitua a língua como um “sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e expressão, falado ou escrito”. (HOUAISS, 2009, p. 1182). Com efeito, os conceitos dicionarizados aqui discorridos apontam, de certo modo, para um mesmo entendimento colocados de forma diferente, entendimento esse que observa a língua como um ato de comunicação entre pessoas de um mesmo grupo linguístico.

Porém, na Análise do Discurso, segundo as palavras de Oralndi (2001, p.21), a língua pode servir para comunicar, mas também pode servir para não comunicar. Nesse sentido, compreendemos que a função da língua na AD vai além do ato de comunicar, de informar. Na verdade, o conceito de língua amolda-se de acordo com o viés teórico no qual estão sendo realizadas considerações em dado momento. Tendo isso em vista, para compreender a situação da língua na Análise do discurso é pertinente que entendamos seu conceito na perspectiva da teoria estruturalista, uma vez que, a AD é um embrião da Linguística.

Como se sabe, o elemento mais relevante da Linguística é o seu próprio objeto de estudo, a língua, considerada nela e por ela mesma pelo mestre genebriano. Desta feita, Saussure ao organizar seus estudos sobre Linguagem o faz preconizando-a e considerando-a como “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la” (SAUSSURE 2006,

p. 22), considerando também a heterogeneidade e os equívocos da língua e afirmando-a como não homogênea e não transparente, porém seus estudos se debruçaram na perspectiva do sistema dos signos linguísticos, o que não deixa de ser um grande feito para o seu tempo e para os estudos de língua de modo geral.

Muito embora, é a partir dessa percepção do estruturalista em discernir o caráter social que a língua vai se moldando enquanto sua função na Análise do Discurso. É nesse momento do estudo da linguagem que a língua vai sendo observada não só como uma estrutura ou sistema interno, mas como uma matéria atravessada pelas ideologias dos sujeitos e pela história. Nesse contexto observa-se a língua na perspectiva discursiva, mas de acordo com Pêcheux é “sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os processos discursivos”. (PÊCHEUX, 1997, p.091).

Na perspectiva discursiva, a língua torna-se materialidade do discurso e é concebida como “aquela de ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua”. (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 17), ou seja, isso significa dizer que a AD a considera como incompleta sujeita a falhas, mas que produzem sentido. Nesse contexto [...] redefine-se a noção de língua, descentrando-a e remetendo-a a outra ordem, a ordem do discurso”. (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 37).

Dando prosseguimento à abordagem sobre os conceitos basilares da AD, a ordem seguinte é o discurso. O discurso já vem sendo mencionado desde os pressupostos iniciais desse trabalho, via de regra, é por ele que a teoria se funda e é ele o objeto central dessa teoria. Vimos portanto, através das considerações realizadas anteriormente, que o discurso “não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material”. (FERNANDES, 2005, p. 20). Nessa lógica, confirma-se que a língua é o elemento pelo qual o discurso se materializa.

No interior dessas discussões, Pêcheux diz que o discurso são efeitos de sentidos compreendidos entre os sujeitos os quais não se encontram nas palavras, mas na relação entre os sujeitos que se manifestam ideologicamente através da linguagem. Ora, os sentidos se dão conforme o lugar/espço de onde estão sendo enunciados os discursos e dependem também dos sujeitos que o enunciam, ou seja, os sentidos são efeitos de sentidos que se formam a partir das condições de produção discursiva, uma vez, que esta produção depende do contexto e da

situação. É como se as palavras, no ato discursivo não tivessem significado próprio de dicionário e sim sentidos produzidos de acordo com a realidade ideológica específica do momento em que estão sendo produzidas. Nesse interim:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em “si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em um jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. (PÊCHEUX, 1997, p. 190 *apud* FERNANDES 2005, p. 23-24).

Na visão de Foucault (1969) citado por Brandão (2004, p.33), o discurso é “como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva”. Ou seja, o enunciado nem é frase tampouco proposição, mas uma sequência aleatória da língua. Desse ponto de vista, podemos observar a relação do enunciado com o discurso, quanto ao seu caráter de dispersão, pois para Foucault (1969) parafraseado por Brandão (2004, p. 32), os discursos são “como dispersões [...] sendo formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade”. Foucault *apud* Brandão (2004) diz ainda que o enunciado forma o discurso.

Ainda no tocante ao discurso, é imprescindível situar que eles “não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda a natureza que integram a vida humana”. (FERNANDES, 2005, p. 22).

Outro conceito que subsidia a Análise do Discurso é o conceito de Ideologia. De acordo com Brandão (2004), há certa confusão quando se fala sobre a noção de Ideologia, pois são muitas as nuances significativas. Conforme essa afirmação, podem ser ressaltadas algumas noções de Ideologia.

Em Fiorin, por exemplo, o conceito de ideologia é dado como um conjunto de ideias e representações “que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens”. Ele a chama de “falsa consciência”, uma vez que os fenômenos reais escondem a real essência do social. (FIORIN, 1998, p. 28). Enquanto Chauí (1981) citada por Brandão (2004, p. 19) trata a ideologia como ideias que são “como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente”. Trata-se de duas perspectivas diferenciadas, a primeira de um

linguístico e outra de uma filósofa, contudo são perspectivas que adicionam as nuances significativas da noção de Ideologia.

O conceito de Ideologia implicado na Análise do Discurso é trazido por Michel Pêcheux a partir da teoria de Louis Althusser que realiza uma releitura da teoria Marxista – materialismo histórico de Karl Marx. Tanto é que a teoria de Louis Althusser expande a ideia de ideologia para além da instância das classes dominantes do capitalismo, uma vez que a teoria marxista volta-se à uma crítica ao sistema capitalista. Althusser ampliou a concepção materialista levando materialização ideológica para a instância das diversas práticas sociais e entre essas está a prática da linguagem, que por sua vez é também, o material da ideologia.

É com vistas no conceito althusseriano que a AD passa a discernir a ideologia de acordo com os princípios da linguagem, atestando que ela (a ideologia) não existe nela e por ela mesma, ou seja, não existe por si só, mas existe em função dos sujeitos. Em outras palavras “[...] a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos” (ORLANDI, 2001, p.46), nessa perspectiva, parafraseando as palavras de Fernandes (2005), a ideologia é intrínseca ao discurso, pois é por meio dela que os sujeitos vão sendo percebidos e se postando na sociedade tais como são e diferenciados quanto sua posição aos outros. É nessa interpelação de ideologia e sujeitos que o discurso é produzido.

A ideologia se posta a partir de quando consideramos que não existe sentido sem interpretação, ou seja, não há sentido sem que não nos propusermos a interpretar, a querer entender o que determinado objeto simbólico significa. Nesse sentido, Orlandi (2001) nos atesta:

Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. [...] Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. (ORLANDI, 2001, p. 45-46).

Dentro desse siso, há o reconhecimento de que a ideologia só é operante no social diante das circunstâncias da materialidade cotidiana, o que acontece também com o discurso, uma vez que necessita de um real material para se constituir.

Inicialmente, esses são os primeiros conceitos que significam a existência da Análise do Discurso. São imprescindíveis e se encontram na AD devido ao fato de estarem imbricados, mas inerentes entre si, nos quais um depende do outro para dá sustentação ao objetivo da AD. Dito isso, “o discurso é materialidade específica da ideologia e a língua é materialidade específica do discurso”. (ORLANDI, 2006, p. 17).

Junta-se ainda a esses conceitos, as noções conceituais de Sujeito e Formação discursiva, os quais não diferentes dos que já foram citados, são significativos para a Análise do Discursos. Tais conceitos serão considerados a seguir.

2.2 Sujeito e Formação Discursiva.

No clivo das observações acerca do discurso, encontramos ainda os conceitos de Sujeito e Formação Discursiva, os quais, já abordados de forma sucinta no início desse trabalho, inseridos no momento das observações das três fases encontradas no contexto histórico da Análise do discurso, deste modo, serão melhor discutidos agora.

A saber, as questões tracejadas por Pêcheux sobre o conceito de sujeito são apresentadas na AD conforme a teoria de Jaques Lacan a qual faz uma releitura do trabalho freudiano sobre o inconsciente do sujeito na Psicanálise. Entre os estudos realizados por Lacan está o estudo do Significante, o qual contribui para as análises de Pêcheux quanto ao tratamento do sujeito, buscando compreendê-lo funcionando em sua relação com discurso. Daí considerar o sujeito como sujeito discursivo.

Dito isso, antes de qualquer consideração sobre o assunto é importante pensar que o sujeito na Análise do Discurso não é um ser humano em sua individualidade, existência e empirismo particular, mas um sujeito em sua existência no espaço coletivo, na sociedade. Desta feita,

O sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. (FERNANDES, 2004, p. 33).

Segundo o dicionário Aurélio (2001, p. 652), o conceito de sujeito é dado como “1. Escravizado, cativo. [...]. 3. Que se sujeita à vontade alheia. 4. Passível. Ao analisar essas nuances do sujeito conceitualmente dicionarizadas e compará-las ao sujeito discursivo tratado na AD, de certo modo, percebemos certa convergência entre ambos, já que segundo Orlandi (2001):

Ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim, determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (ORLANDI, 2001, p. 49).

Na realidade o sujeito discursivo é um sujeito assujeitado, ele não enuncia o discurso por si só, ou tem controle do sentido daquilo que está sendo enunciado, na verdade, antes do discurso ser apresentado, o sujeito é atravessado pelo lugar em que ele se coloca em um dado momento, isto é, o sujeito é atravessado pela exterioridade, pela ideologia, pela história. Contudo, ele sempre se posta em relação ao outro, tão logo, tal relação se faz de maneira natural, pois quando “o sujeito diz “eu”, o faz a partir de uma inscrição no simbólico e inserido em uma relação imaginária com a “realidade”, (...) algo produzido após a entrada do sujeito no simbólico e impede que o sujeito perceba ou reconheça sua constituição pelo Outro (...).’ (PÊCHEUX, 1997, p. 163).

Complementando esse pensamento, Orlandi (2001), embasada na concepção de Michel Foucault (1969), diz que o sujeito é tido como uma posição em meio a outras, ou seja, é a posição que o determina e determina o que ele diz. Dessa forma o sujeito pode assumir inúmeros posicionamentos em suas práticas discursivas. “[...] Apesar de desempenhar diversos papéis, não é totalmente livre, ele sofre as coerções da formação discursiva do interior do qual já enuncia, [...]”. (MUSSALIM, 2003, p. 133).

Ao se tratar de Formação Discursiva (FD), fazemos referência sobre aquilo que só se pode enunciar em determinada época e espaços sociais. São discursos realizados dentro de uma especificidade produtiva, marcados principalmente, pelo atravessamento da história. Como já citado anteriormente, a FD é o que delimita tudo a ser dito e ainda, é ela que possibilita o entendimento da produção sentidos. Com isso, os sentidos não são independentes, mas dependem da posição

ideológica do sujeito inserido em um processo histórico-social. De acordo com Pêcheux:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc). (Pêcheux, 1997, p. 160).

Além disso, vale ressaltar que as formações discursivas não são homogêneas, são sempre formadas por diferentes discursos e os temas colocados nesses discursos podem gerar conflitos, ou seja, um mesmo tema pode implicar posições diferentes, opostas, que contestam-se entre si. “Uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais”. (PÊCHEUX 1990b *apud* FERNANDES, 2005, p. 51).

De acordo com Orlandi (2001), o discurso é constituído em seus sentidos, pois os dizeres dos sujeitos inscrevem-se em uma dada formação discursiva, o que por relação imperceptível de lógica, não se inscrevem em outra. Desta feita, tal discurso terá um e não outro sentido. É por essa razão que as palavras não têm sentido próprio, pois o sentido delas é proveniente das FD. Essa percepção de Orlandi está fundamentada na teoria pecheutiana encontrada em “*Semântica e Discurso: Uma crítica a afirmação do óbvio*” que diz:

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. [...]. (PÊCHEUX, 1997, p. 161).

Como já posto, as FDs são constituídas por vários e diferentes discursos. Esses diferentes discursos inseridos em uma dada FD são chamados de Interdiscurso, ou seja, são discursos circunscritos e advindos de momentos diferentes da história, bem como de lugares sociais dos mais variados, tão logo, são dizeres já ditos que misturam-se designando como o sujeito significa em uma

conjuntura discursiva. Considerar o interdiscurso significa deixar manifestar a heterogeneidade do discurso.

Em suma, são basicamente esses os conceitos que dão sustentação à Análise do Discurso, cada uma com sua particularidade, mas que se interagem e, ainda que imperceptíveis, precisam uns dos outros para concebê-la. É por meio desses conceitos que a Análise do Discurso fornece-nos habilidades para desenvolver as mais possíveis técnicas de interpretação da linguagem, de como os discursos fazem sentidos e atribuem significados aos sujeitos integrantes de uma sociedade.

3. MÚSICA E IDEOLOGIA

3.1 Crítica social nas músicas da Legião Urbana.

O cenário da sociedade brasileira na década de 1980 é conhecido por ser palco de significativos problemas em relação à situação econômica e à situação política instituída desde 1964, a saber, a ditadura militar. Mas também é conhecido pelo movimento de transição e de reconquista em que retoma-se, nessa época, os valores de democracia perdidos durante o tempo de regime militar. O total controle e a censura aos poucos vão dando lugar à coragem do povo, principalmente dos jovens, os quais saíram às ruas em constante luta contra o poder dominante e em favor de dias melhores para sociedade.

Nesse panorama de lutas, manifestações e críticas ao aparelhamento político e à situação social econômica imprimida, é reformulado, o movimento do Rock nacional, novas bandas são formadas e novas propostas são lançadas, ou seja, os jovens e suas bandas incorporados, não só pelo espírito revolucionário, mas também pelo compasso das batidas e pelos acordes estridentes das guitarras elétricas, idealizam dias melhores e tencionam-se na busca de soluções para os problemas do momento através da musicalidade imprimida pelo Rock. “[...] o rock, de certa forma, é uma ferramenta que a juventude utiliza, inconscientemente, para se afirmar perante a sociedade e ao mundo.(ENCARNAÇÃO, 2009, p. 12).

Os anos 80 é para o Pop rock brasileiro uma espécie de retomada a crítica social, pois as músicas com letras extremamente densas, mostram nesse contexto, a verdadeira realidade “nua e crua” do país, afetados, de fato, pelo material histórico encontrado na época. Normalmente, as letras “pesadas” imprimem as ideologias, o desejo de mudança e a vontade de viver dias melhores sem violência, sem corrupção e sem desigualdade. O anseio por dias melhores advém com força maior partida dos jovens, esses, que nesse contexto passam a enxergar a vida de modo diferente e a partir disso querem significar a si próprio e ao mundo que os rodeia, com desejo de suplantar valores que já não lhes convém, sendo assim:

A juventude de classe média começava a postular ideias e a conduzir-se de modo totalmente oposto aos valores apregoados por uma sociedade moralista, racista, consumista e tecnocrata, onde a nova postura passava pela ideia de instabilidade, da compreensão de cada momento, para agir politicamente e transformar a sociedade. (BRANDÃO E DUARTE, 2004, p.59).

Na verdade, ao analisarmos as propostas dessas bandas, podemos compará-las com a teoria do sujeito da AD anteriormente detalhada, ou seja, as bandas são formadas por indivíduos e esses por apresentarem em suas letras a realidade de uma sociedade, por exemplo, são assujeitados, grosso modo, são afetados pelo real sócio-histórico-ideológico, tão longo, elas fazem sentidos não de maneira individualizada, fazem sentidos por expressarem vozes de outros sujeitos que compartilham do mesmo espaço social, assim como o sujeito que só se constitui através do social.

Dentre as novas bandas nascentes nesse contexto, surge no ano de 1982, em Brasília, a Legião Urbana. Foi formada pela desintegração da banda Aborto Elétrico, ou seja, a Aborto Elétrico teve fim em virtude de desentendimentos internos entre Renato Russo e Fê Lemos, baterista da banda. Com o fim, parte dos integrantes dão origem a uma banda chamada Capital Inicial e a outra parte formam a Legião Urbana. Inicialmente, a Legião Urbana (LU, assim abreviada) é composta por Renato Russo, Marcelo Bonfá, Eduardo Paraná e Paulo Guimarães¹. Como é comum em todas as bandas, a Legião Urbana passa por várias formações até chegar a clássica: Renato Russo como líder, letrista e vocalista, Renato Rocha como contrabaxista – este que sai posteriormente, Marcelo Bonfá como baterista e Dado Vila Lobos como guitarrista.

A trajetória e a produção artística da Legião Urbana vai sendo moldada, as apresentações vão acontecendo, e o grupo vai fazendo sucesso e conquistando fãs de todas as partes de Brasília. Não tarda, e em 1983 é realizada a primeira apresentação da Legião Urbana no Circo Voador – considerado pelos críticos como o principal palco do Rock brasileiro – no Rio de Janeiro. É então contratada pela gravadora EMI Odeon². Daí por diante as músicas começam a serem difundidas nas rádios e banda cada vez mais ganha destaque e legiões de fãs Brasília à fora. Sem esquecer que a história da Legião Urbana se confunde com a conflitante história do país na época.

Desde o início da banda é possível perceber que as músicas tocadas por ela,

¹Biografia disponível em: <<http://www.renatorusso.com.br/biografia-legiao-urbana/>> acesso em 07 de Novembro de 2014.

²Biografia disponível em: <http://www.radiolegionaria.com.br/legiao-urbana.html> acesso em: 05 de Novembro de 2014.

assim como as de outras bandas da época, apresentam críticas sociais que vão de temas como corrupção na política a drogas, valores importados a anseios dos jovens. Resumindo, são críticas à situação social, econômica, política e comportamental do país. Tem-se as músicas da banda como uma espécie de elo simbólico entre o mundo e os indivíduos que anseiam por melhoras, sendo assim:

A música fala ao mesmo tempo, no horizonte da sociedade e ao vértice subjetivo de cada um, sem se deixar reduzir a outras linguagens. Esse limiar está fora e dentro da história. A música ensaia e antecipa aquelas transformações que estão se dando, que vão se dar, ou que deveriam se dar na sociedade. (WISNIK, 1989, p. 12).

Mas a Legião Urbana, de fato, diferencia-se das outras pelo fato de que o letrista da banda, Renato Russo, compunha colocando as críticas de forma subjetiva, bem dinamizada com tons poéticos e conduz sua obra na LU inspirando-se em bandas estrangeiras como Ramones, The Beatles, The Clash, Sex Pistols, entre outras, mas também inspira-se em grandes filósofos como Jean Jaques Rousseau³. Em síntese, os discursos das músicas da Legião Urbana confundem, de certa forma, poesia e contestação que expressam a vontade do povo por meio da linguagem, ou seja, “as visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é o indissociável da linguagem. As ideias e por conseguinte, os discursos são expressão da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos”. (FIORIN, 2008, p. 33).

Ao ser contratada pela EMI Odeon, a banda segue e em 1985 lança o primeiro disco, oficialmente intitulado por “Legião Urbana”⁴. Nesse, encontram-se verdadeiros “hinos” como “Geração Coca-Cola”, “Será”, “Ainda é cedo” e “Por enquanto”. O Espaço está aberto para a Legião Urbana. Já em meados de 1986, o segundo disco “Dois” é lançado e as críticas continuam internalizadas nas canções. É mais um disco de sucesso que apresenta músicas como “Tempo perdido”, “Fábrica”, “Eduardo e Mônica”, “Quase sem querer” e “Índios.

O sucesso não para e o disco “Que País é Este” é lançado em 1987 com nuances parecidas com o primeiro em que a canção que dá nome ao disco é a primeira faixa. Músicas como “Tédio com T Bem Grande Pra Você”, “Química” e “Faroeste Caboclo” dão continuidade as discussões inseridas no álbum. É um dos álbuns mais vendidos da Legião Urbana segundo Dapieve:

³Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Legi%C3%A3o_Urbana> acesso em 07 de Novembro de 2014.

⁴Discografia disponível em: <<http://www.renatorusso.com.br/album/legiao-urbana/>> acesso em 06 de Novembro de 2014.

Que país é este chegou ao topo da parada de LPs mais vendidos, com 240 mil cópias. Era absolutamente improvável que aquilo acontecesse. Mas aconteceu. Quando soube, Renato exultou: “Isso é uma honra! O público tem inteligência, ele escuta Legião Urbana sem jabá. O mais importante é o artista fazer as coisas que ele respeita, aí as pessoas passam a respeitar” (DAPIEVE, 2006, p. 103).

Dois anos mais tarde, apresentando uma nova formação com os integrantes Renato, Bonfá e Dado a banda lança o disco “As Quatro estações”⁵. Esse álbum além de ser lançado em LP é também lançado como CD, traz músicas como “Pais e filhos”, “Há tempos”, “Monte Castelo”, “Quando o sol bater na janela do teu quarto”. A banda passa por momentos difíceis, mas supera a marca de 700 mil cópias vendidas. O álbum “V” de 1991, acontece também em momento difícil, momento esse o qual Renato descobre ser soropositivo e um clima nostálgico permeia com as canções “Vento no Litoral”, “Metal Contra Nuvens”, “O Teatro dos Vampiros”.

As canções “Perfeição” e “Giz” destacam-se no álbum “O Descobrimento do Brasil”, lançado em 1993. Três anos depois, “A Tempestade” foi a público com destaque para as músicas “Dezesseis” e “Via Láctea”. Um mês depois de lançado, Renato Russo falece. Mas ainda é lançado no ano seguinte ao público um disco póstumo com título “Uma Outra Estação” como músicas que comporiam um álbum duplo⁶.

Todo esse levantamento histórico-biográfico da banda Legião Urbana, serve para confirmar a importância de conhecer o contexto onde os discursos das músicas estão inseridos, pois para a AD e, principalmente, para o analista, é importante conhecer as condições de produção do discurso através da “análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer”. (ORLANDI, 2001, p. 16).

3.2 Abaixo à Ideologia Capitalista: Análise Discursiva das Canções “Geração Coca-Cola”, “Índios” e “Que País é Este”

Para continuar com as discussões sobre os discursos de críticas sociais evidentes nas músicas da Banda Legião Urbana e para melhor compreender tais críticas e dissolvê-las a partir do viés da teoria da Análise do Discurso, realiza-se um recorte para a composição do *corpus*, de modo que são selecionadas três músicas,

⁵Discografia disponível em: <<http://www.legiaourbana.com.br/quatro.html>> acesso em 05 de Novembro de 2014.

⁶Discografia disponível em: <<http://www.legiaourbana.com.br/tempestade.html>> acesso em 05 de Novembro de 2014.

dentre elas “Geração Coca-Cola” lançada no primeiro disco “Legião Urbana” de 1985, “Índios” do disco “Dois” com lançamento em 1986 e “Que País é Este” do terceiro disco de 1987 que leva o nome da música como título.

O discurso, assim como pressupõe a AD, constitui-se em relação com a língua, a ideologia e ao sujeito. Partindo dessa assertiva é que se traça as análises das músicas selecionadas nesse *corpus*.

A título de início, propõe-se analisar a música “Geração-Coca-Cola” composta por Renato Russo e ainda tocada na antiga banda “Aborto “Elétrico”. A música, de certa forma, é uma das que mais refletem o contexto histórico do momento de sua composição. A música tem início com a estrofe:

Quando nascemos fomos programados/
A receber o que vocês/
Nos empurraram com os enlatados/
Dos U.S.A.; de nove às seis/

A análise já pode ser iniciada pelo título da música que apresenta um enunciado impactante que chama atenção para um dos principais símbolos do consumismo capitalista estadunidense, a Coca-Cola. Pode ser percebido que nesse enunciado há uma relação de forte contestação ao capitalismo, pois trata-se de uma crítica à “geração” de pessoas/jovens consumistas e de valores importados devido a alta da globalização e ao poder do Estado incontestável. Por que “Geração Coca-Cola” e não outro título? Porque de acordo com as teorias que basificam a AD, o enunciado usado para o título da música é integrante de uma Formação Discursiva que caracteriza-se pela crítica e ou contestação aos valores importados de outros países e fixados na sociedade brasileira no dado momento de composição da música.

Na primeira estrofe, pode ser observado o efeito de sentido que faz menção implícita à ditadura militar, como também a uma sociedade aculturada, invadida por elementos, culturas e valores exteriores. Há também, o efeito de sentido em relação ao consumismo exacerbado de produtos estrangeiros, como roupas, comida, músicas, entre outros, mostrando nas entrelinhas a forte influência dos grandes centros de sistema capitalista, como é o caso dos Estados Unidos citado na música. Outro fato interessante encontrado nessa estrofe é quando o sujeito-compositor coloca o sujeito da música em terceira pessoa, de modo que remete-nos a entender

na prática o sujeito discursivo, aquele que não é unívoco e sim social e que diante de todas as circunstâncias é um sujeito que representa as vozes de uma coletividade, ou seja, “a voz desse sujeito revela o espaço social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade social; [...]”. (FERNANDES, 2004, p. 34). A música continua e a outra estrofe é a seguinte:

Desde pequenos nós comemos lixo/
Comercial e industrial/
Mas agora chegou nossa vez/
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês/

Essa parte da música continua com a negatividade vista na sociedade, mas antes disso podemos perceber uma ambiguidade no termo “comercial”, o que pode provocar dois possíveis efeitos de sentido, pois não se sabe ao certo se esse termo refere-se a comercial de TV ou se a comercial de comércio, consumo, ou se ainda refere-se a relação entre os dois sentidos, uma vez que a mídia é suporte para essa questão do consumismo. Mas em geral, o efeito de sentido da estrofe é construído à medida em que entendemos que já há um certo tempo que essa prática de aculturação é dispersa na sociedade brasileira e precisa ser abolida, pois agora é a vez da mudança, da liberdade, de viver a cultura natural do país e romper definitivamente a alienação que a cultura exterior imprime no país.

Ainda pode ser destacado o termo “lixo” usado nessa estrofe por duas vezes, nesse sentido, “lixo” poderia ser substituído por cultura, por convenção análoga do contexto da música e do momento em que ela foi escrita. Sendo assim, reiteramos a noção de discurso em Pêcheux (1997) citado por Fernandes (2005) que diz que os discursos são efeitos de sentidos nos quais as palavras não têm sentido próprio, mas fazem/têm sentido em virtude dos sujeitos que a enunciam e de acordo com contexto onde estão enunciadas. Continuando a análise discursiva da música Geração Coca-Cola, temos:

Somos os filhos da revolução/
Somos burgueses sem religião/
Nós somos o futuro da nação/
Geração Coca-Cola/

Essa estrofe nos remonta aos indícios deixados anteriormente no trecho final da estrofe que se seguia em que há a forte presença do anseio por melhores dias

para a sociedade, complementada pela ideia da relação feita ao período da ditadura militar, quando refere-se a “somos os filhos da revolução”, ao passo que entendemos que são pessoas/jovens que sobrevivem ao regime militar e são eles o fruto da revolução, assimilando que já não há mais o comodismo burguês de aceitação dos “importados” do exterior, como antes. Eles podem ser burgueses, porém sem religião, sem medo e sem acomodação, assimilando assim como sendo “o futuro da nação” na tentativa de superar as práticas adotadas pela “Geração Coca-Cola” impostas pelo Estado.

No clivo dessas discussões pode ser notada a presença de um diálogo entre sujeitos discursivos. Um que fala, mas fala como uma coletividade e o outro. Esse outro, é na verdade a “Geração Coca-Cola” e as condições do espaço sócio-histórico-ideológico a qual ela situa-se. Nessa estrofe, nota-se um trabalho de sentido sobre outro sentido em que é “segundo as posições dos sujeitos que os sentidos se manifestam, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem”. (FERNANDES, 2004, p. 60).

Dando sequência, temos:

Depois de 20 anos na escola/
Não é difícil aprender/
Todas as manhas do seu jogo sujo/
Não é assim que tem que ser/

É tempo de mudança, as práticas adotadas no país até então já não servem mais e “depois de 20 anos na escola”, a ordem dos valores, de certa forma, se invertem e ou se alteram através das lutas, das “Diretas Já” que aconteceu em 1984. Por outro lado, essa expressão pode fazer sentido em relação ao tempo que os jovens passam desde crianças à fase adulta, porém como a música, de certo modo, faz uma crítica aos tempos remotos do país, tão logo relacionamos a um discurso de crítica à ditadura militar. Obviamente, depois de certo tempo numa mesma prática não fica difícil aprender todas as artimanhas que vigoram absolutas.

Na estrofe acima analisada poder ser observado claramente aquilo que está teorizado na AD quanto aos discursos, estes que não são estáveis, mas são fluidos e acompanham realmente o proceder de uma sociedade, ou seja, os discursos “não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as

transformações sociais e políticas de toda a natureza que integram a vida humana”. (FERNANDES, 2005, p. 22).

O discurso é também um conjunto de vários outros discursos já ditos, provavelmente essa estrofe da música pode ter sido enunciada por alguém antes mesmo da composição do sujeito-compositor, isto é, pode ter sido enunciada de uma outra forma, em um outro momento, em um outro espaço. E, para o momento da “Década Perdida” (década de 80), esse discurso é transformado e acompanha a realidade da sociedade.

A música finaliza com a afirmação de que a prática imposta desde a ditadura militar vai mudar e a mudança parte das lutas, das revoluções que estão sendo promovidas em todo o país. Isso significa dizer que as leis impostas pelos ditadores serão eliminadas e ainda ironizam quando dizem que essas leis só serão lembradas como piadas no novo Brasil que se propõe.

Vamos fazer nosso dever de casa/
E aí então vocês vão ver/
Suas crianças derrubando reis/
Fazer comédia no cinema com as suas leis/
Somos os filhos da revolução/
Somos burgueses sem religião/
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola

“Geração Coca-Cola” é uma música significativa no cenário da década de 80, na verdade é um protesto em forma de canção na qual a letra por si só já é marcante e mesclada junto aos instrumentos elétricos e estridentes do Rock forma uma espécie de hino entre os revolucionários da época. Identificamos também que essa canção não aborda somente uma temática, mas consegue mesclar temas como a ditadura militar e o consumo exacerbado advindo ou impostos dos grandes centros capitalistas do mundo, no caso da canção, os Estados Unidos. É uma canção atemporal que atravessa o século e ainda continua atual, uma vez se relacionarmos à política e ao consumismo que ainda estão desorganizados.

A próxima música em questão recebe o nome de “Índios” que está no disco “Dois” de 1986, o segundo da Legião Urbana. É uma canção que soa aos ouvidos de forma mais melódica, porém não deixa de carregar na sua letra o forte discurso

de crítica social. Para a análise dessa música é feito um recorte das estrofes mais significantes que condizem com a proposta de análise desse trabalho.

O título da música, de início, já chama atenção. Por que “Índios” entre aspas? Parafraseando os comentários de Renato Russo quanto a essa questão, ele diz que faz referência não aos índios em sua conjuntura como os primeiros habitantes do Brasil, mas faz relação à inocência ou a ingenuidade, de uma forma não generalizada, mas simbólica dos brasileiros, uma vez que, desde a gênese do país, são ludibriados pelo poder dos outros e subordinados a eles⁷. Logo em seguida, a primeira estrofe.

Quem me dera ao menos uma vez/
Ter de volta todo ouro que entreguei a quem/
Conseguiu me convencer que era prova de amizade/
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha/

A primeira expressão, assim como acontece predominantemente em “Geração Coca-Cola”, traz um efeito de sentido relacionado a uma idealização que será especificada na sequência. Idealização um tanto confusa, o sujeito da canção colocado pelo sujeito-compositor, idealiza o desejo de ter de volta as coisas boas que dele foram levadas.

Os versos são apresentados em primeira pessoa, como se fosse um factóide pessoal. Em contra partida, por assimilação, essa estrofe pode ser relacionada ao contexto histórico de colonização, no qual as riquezas que no Brasil existia, são trocadas por coisas insignificantes e levadas pelos colonizadores para o país colonizador. Daí o caráter de ingenuidade começa a emergir. Além de um discurso idealista, verifica-se também um discurso completo de ideologias materializadas na subjetividade do sujeito que o enuncia. Parafraseando Fiorin (1998, 27), essas ideologias representam as condições desse sujeito em relação aos outros e a sociedade em que ele está inserido. As discussões seguem na música da seguinte forma:

Quem me dera ao menos uma vez/
Esquecer que acreditei que era por brincadeira/
Que se cortava sempre um pano de chão/
De linho nobre e oura seda/

⁷Disponível em: <<http://olivrodosdiasinterpretacao.blogspot.com.br/2012/03/interpretacao-indios.html>> acesso em 08 de Novembro de 2014.

Os versos aqui colocados revelam um discurso de crítica às classes sociais sobrepostas às menos favorecidas, ou seja, é uma crítica a banalização adotada quase sempre pela alta sociedade em que coisas simples para essa classe podem ser de grande importância para os desfavorecidos.

Logo após essa crítica, a música segue com um discurso repleto de um trocadilho de expressões que a princípio, aparentam ser confusas, mas pelo contrário, pois quando vistas com um olhar de criticidade mais apurado, se tornam simples, pois o efeito de sentido dado é que o sujeito da canção compreende que o que estar por vir é ainda pior do que o que já aconteceu. O futuro do sujeito que se apresenta na canção é incerto e impossível de ser compreendido, tendo em vista que os planos mudaram porque a realidade mudou, certamente “o futuro não é mais como era antigamente”.

Quem me dera ao menos uma vez/
Explicar o que ninguém consegue entender/
Que o que aconteceu ainda está por vir/
E o futuro não é mais como era antigamente/

Essa estrofe, de certo modo, ainda faz alusão ao sujeito-índio em que pode ser percebida implicitamente quando compreendemos que ao ser colonizado, o sujeito-índio é tomado como incapaz e quem passa a conduzir o presente e o futuro é o homem branco, daí o entendimento de um futuro diferente.

Quem me dera ao menos uma vez/
Explicar o que ninguém consegue entender/
Que o que aconteceu ainda está por vir/
E o futuro não é mais como era antigamente/

A próxima estrofe revela uma crítica ao consumismo trazendo um discurso conhecido, enunciado de forma diferente, mas que pode até ser considerado um “ditado popular”. Ainda encontra-se nessa estrofe uma outra crítica, dessa vez à alienação desses consumistas no sentido de que consumem e tem tudo o que querem ter, porém não possuem pensamento crítico decente para viver e encarar a sociedade tal como ela se comporta:

Quem me dera ao menos uma vez/
Provar que quem tem mais do que precisa ter/
Quase sempre se convence que não tem o bastante/
Fala demais por não ter nada a dizer/

Desse modo, reiteramos a análise desse trecho da música rememorando um dos conceitos basilares da AD, a saber o discurso, o qual diz que não existe um dizer primeiro, de fato, os discursos enunciados hoje são memórias dos discursos de outrem, discursos esses que só existem em relação aos outros.

Na estrofe que se segue podemos pontuar o trecho “Mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente”. Isso só tem efeito de sentido compreensível quando remontamos o período histórico da colonização, no qual os índios foram apresentados ao espelho e, conseqüentemente, apresentados ao progresso. Na verdade, aqui se pontua uma outra crítica ao comportamento do país que vem, segundo a letra, desde sua colonização.

A partir desse trecho em diante, a música caminha com discursos de nuances mais pessoais do seu sujeito-compositor, tendo em vista que na época da composição ele passa por momentos confusos em relação a si próprio e a sociedade brasileira, e em um momento de fraqueza, por assim dizer, acaba por cortar os pulsos. Por isso encontramos na música estrofes que fazem um apelo a um interlocutor desconhecido, se levarmos em conta o termo “você”, isto é, pode ser o próprio leitor da letra, porém se e o interpretarmos no contexto em que ela foi composta, talvez o “você” faça relação a Deus, temos:

Eu quis o perigo e até sangrei sozinho entenda/
Assim pude trazer você de volta pra mim/
Quando descobri que é sempre só você/
Que me entende do início ao fim/

Nas nuances finais a letra retoma a posição realizada no início quanto a ingenuidade dos brasileiros que perpetua desde a colonização até a época da composição da música, levando-se em consideração o espaço sócio-histórico-ideológico do sujeito-compositor.

Quem me dera ao menos uma vez/
Como a mais bela tribo/
Dos mais belos índios/
Não ser atacado por ser inocente/

É uma canção complexa de se atribuir sentidos, por analisar o “Novo Mundo” e pelo fato de o compositor incluir em suas entrelinhas não só os temas de crítica a

sociedade, mas também caminha entre temas do universo do “eu”, revelando particularidades próprias. Por mais que se revele essa dubiedade, as canções da Legião Urbana não deixam de verbalizar os complexos da sociedade brasileira.

Para finalizar esse processo de análise discursiva temos como *corpus* a música “Que País é Este” do disco que leva o nome da música, gravada em 1987 pela banda Legião Urbana. No encarte do vinil, Renato Russo faz um comentário sobre o título da música que se encontra no livro “Renato Russo: Um Trovador Solitário” de Assad (2000), diz o comentário:

Aquela pergunta não é uma pergunta, é uma exclamação! Porque quem me diz que país é este são as pessoas que vivem aqui. A gente tem um material fabuloso a ser trabalhado aqui no Brasil. A gente percebe certas coisas: tem muita gente trabalhando, tem muita gente fazendo muita coisa boa. O Brasil é também um país do Primeiro Mundo. Aqui num raio de dez quilômetros, vai ver quantas locadoras de vídeo têm. É Primeiro Mundo também! Agora, só para uma parte das pessoas (in: ASSAD, 2000, p. 210).

De modo geral, “Que País é Este” traz um discurso contestador que realiza uma crítica aos poderosos da política brasileira, ou melhor, é uma crítica à ordem pública, que na verdade não uma ordem e sim uma desordem, pois, de certo modo, a constituição da nação não é respeitada. Essa percepção pode ser encontrada já nos versos iniciais:

Nas favelas, no Senado/
 Sujeira pra todo lado/
 Ninguém respeita a Constituição/
 Mas todos acreditam no futuro da nação/
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Que país é esse?

Nessa estrofe é apresentada uma relação de comparação entre as minorias das favelas e a alta sociedade do senado no sentido de que não há respeito ao país. De um lado os traficantes, os bandidos que ameaçam a segurança da nação e do outro os políticos corruptos que desrespeitam a sociedade de modo geral. Mas todos acreditam em melhorias para o país. Há outra comparação no que diz respeito à esfera de poder, uma vez que o senador representa o poder maior da instância federativa e a favela alude o poder das pessoas de má conduta, dos traficantes e bandidos assiduamente encontrados nesse ambiente.

Pode ser observado nessa estrofe o entrelaçamento do momento histórico e da ideologia – impregnada no sujeito advinda, justamente, desse material histórico – com o discurso enunciado ironicamente. O contexto do espaço e as ideologias são fundamentais para a produção do discurso, pois são elementos que se relacionam e sustentam a ordem discursiva. Como sustenta Orlandi (2001), a Análise do Discurso estuda o processo do homem falando como sujeito coletivo em um dado espaço social.

Outro significativo aspecto se encontra na representatividade da palavra “sujeira” incluso na música, aqui por exemplo, encontramos tal palavra com efeito de sentido relacionado a corrupção o qual podemos evidenciar a questão da opacidade da língua, tão logo, a língua não é transparente e vários são os elementos que a envolve para que ela possa ter sentido dentro de um contexto.

Fala-se em língua, pois sabemos que na ordem do discurso, parafraseando Pêcheux (1997), ela não funciona somente como um elemento de comunicação, mas como um instrumento base para a materialização do discurso, discurso esse que só é possível em sua relação com o social. Dessa forma a música segue com o discurso de contestação ao poder público e a desordem do país.

No Amazonas, no Araguaia iá, iá,
 Na baixada Fluminense/
 Mato Grosso, Minas Gerais e no
 Nordeste tudo em paz/
 Mas o sangue anda solto/
 Manchando os papéis e documentos fiéis/
 A o descanso do patrão
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Que país é esse?

Esse trecho mostra a indignação sarcástica e ironizada, pois enquanto todas as regiões do Brasil estão em complexas situações, o “patrão” que são os políticos estão vivendo bem às custas da população, que de certa forma, está acomodada e não reage, não recorre, não luta para conseguir viver em uma nação melhor e mais igualitária. “Mas o sangue anda solto/ Manchando os papéis e documentos fiéis”. Encontra-se nesse verso um discurso metafórico realizando uma crítica as funções das pessoas na sociedade, no sentido de que essas funções são prejudicadas pela desordem da nação.

Finalizando a música, o sujeito-compositor recorre às expressões que fazem referência a economia capitalista do Brasil e ao seu patamar quanto aos outros países do mundo. Por ser um país considerado às margens dos desenvolvidos não fatura o montante necessário para se estabelecer entre os países de primeiro mundo, mesmo que exportem produtos, que vendam as riquezas existentes no território nacional. Em contra partida, o consumo é relevantemente alto, mas se alcança o patamar de primeiro mundo. O efeito de sentido encontrado nessa estrofe relaciona-se a uma forte crítica ao Brasil tal como ele é, uma desordem economicamente, política e social.

Terceiro mundo, se for/
Piada no exterior/
Mas o Brasil vai ficar rico/
Vamos faturar um milhão/
Quando vendermos todas as almas/
Dos nossos índios num leilão/
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

É frequentemente encontrado nas músicas da Legião Urbana compostas por Renato Russo, um diálogo entre um sujeito e outro. Não diferente das outras analisadas anteriormente, essa, “Que País é Este” também apresenta esse diálogo, o qual é carregado de críticas implícitas e o sujeito que mais enuncia, recorre às ideologias imbricadas ao material sócio-histórico do espaço em que se constitui.

Desse modo, esse sujeito não se constitui individualmente, mas de forma coletiva em meio a exterioridade, a sociedade, assim como o discurso não se constitui por si próprio, precisa de outros elementos que o sustente, a saber, a ideologia, língua, o meio, além de outros discursos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No prisma das considerações tecidas ao longo deste trabalho monográfico, procuramos analisar, à luz da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, três das principais músicas da banda Legião Urbana. Músicas essas que passam a circular no momento o qual os brasileiros vivem um descontentamento em relação ao seu sistema capitalista e a sociedade de modo geral, a saber a década de 1980.

Realizamos, a princípio, a análise da música “Geração Coca-Cola”, nela as observações já fluem desde o título que de início já chama atenção para uma forte crítica ao capitalismo, no qual o sujeito-compositor faz de maneira pensada, pois a “Coca-cola” é na época e persiste até a atualidade, como um dos símbolos o imperialismo. Ao longo dessa análise pudemos perceber também, que na música não só existe uma crítica, mas existem outras como críticas à alienação, ao poder político, à corrupção que se atravessam, mas de certo modo, o que predomina nessa música é o efeito de sentido relacionado à crítica anticapitalista.

Em seguida analisamos a música “Índios”, de caráter mais melódico sem tanta estridência das guitarras elétricas, mas sem perder a criticidade. Essa música consegue, extraordinariamente, estabelecer um efeito de sentido de crítica aos primórdios do Brasil, desde sua colonização – que já pode ser observado no título – passando pelo Regime Militar, pela crítica ao consumismo capitalista e chegando ao patamar de crítica pessoal. Essa foi, de longe, a mais difícil de ser analisada, tanto é que é realizado um recorte das estrofes mais condizentes ao tema proposto pelo nosso trabalho.

Por fim, analisamos a música “Que País é Este” que faz, de certa forma, uma retomada, a estridência do Rock. Uma análise menos complicada, tendo em vista que o efeito de sentido de crítica nessa música está com relação a sociedade de modo geral, pois existem nelas discursos críticos à política, aos políticos corruptos, às classes sociais, à economia e ao capitalismo.

Vimos nessa síntese o inconformismo quanto ao sistema, tanto é que a proposta das músicas da Legião Urbana é expor para a sociedade a verdadeira situação do Brasil da década de 1980, mostrando através da discursividade as mazelas que se estende por todo território brasileiro, como também mostra a posição e as condições de produção ideológica do sujeito-compositor que encara a

realidade e busca através do seu posicionamento e da sua interdiscursividade, intervir da melhor maneira possível – usando a música, o Rock – para “conscientizar” os brasileiros que há a possibilidade de um Brasil melhor para nação, ou seja, as músicas são resultados do desejo de conduzir a população a intervir efetivamente nas questões sociais. Nesse caso, vimos claramente que existe uma intencionalidade no discurso das músicas, intencionalidade essa que protesta, que revoluciona e que faz o outro sujeito pensar e o próprio sujeito compositor reconhece isso:

A única coisa que eu sei é o seguinte: as pessoas acompanham o que a gente faz não por que mostramos uma grande novidade – por que o rock não é nem um pouco original – e sim por que o que nós estávamos fazendo já estava dentro delas. Então, um garoto compra um disco da Legião -do Titãs, do Lobão, ou de quem quer que seja – e, antes de ir para o colégio, ele vai ouvir aquela música, vai pensar na vida, no país, no governo, na situação caótica, em ecologia, em crimes, medos, angústias, felicidades. [...]. (in: ASSAD. 2000, p. 129)

É possível observar ainda, por meio dessas considerações, o poder do discurso agindo sobre o outro, sobre a nação que na época faz uso dessas músicas como artifícios para protestar. Observa-se também que essas músicas só existem em função da materialidade social específica em que se encontra o país. Do contrário, possivelmente não existiriam e, conseqüentemente, não existiriam essas críticas radicais. De fato, as músicas escolhidas para a análise constroem a representação do espaço sócio-histórico-ideológico brasileiro.

Vimos nessa pesquisa que as músicas de rock dos anos 1980, principalmente, as da banda Legião Urbana têm solos férteis para se tecer inúmeras discussões, observações e questionamentos. Vale ressaltar que as análises realizadas nesse trabalho estão sustentadas na Análise do Discurso de linha francesa que corresponde a essa proposta, porém essas análises são de cunho interpretativas e cabe a cada analista fazer a sua, tão logo, o espaço fica aberto para infindáveis discussões.

Evidencia-se, portanto que as discussões aqui desenvolvidas não se propuseram a procurar uma “verdade” para os sentidos dos discursos das músicas analisadas, porém se propuseram realizar uma observação procurando enxergar “o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica”, pois a “língua funciona ideologicamente” nesse jogo da materialidade. (ORLANDI, 2001, p.59).

REFERÊNCIAS

ASSAD, Simone. **Renato Russo de A a Z**: as idéias do líder da Legião Urbana. Campo Grande: Letra Livre, 2000.

BRANDÃO, Helena HathsueNagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: Unicamp, 2004.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais na Juventude**. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

CHARAUDEAU, Patrk; MAINGUENEAU, DOMINIQUE. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto,2004.

DAPIEVE, Arthur. **Brock**: O rock brasileiro nos anos 80. Rio de Janeiro. Editora 34, 2006.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. **"Brasil mostra a tua cara"**: rock nacional, mídia e redemocratização política (1982-1989). Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2009.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

FERNADES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas,2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque da Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: dicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **Linguagem e Ideologia**. São Paula: Ática, 1998.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A arqueologia do saber.** Trad.: Luiz Felipe Beata Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEANDRO FERREIRA, M. C. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar.** São Carlos: Claraluz, 2005.

_____. **Da Ambiguidade ao Equívoco:** a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso:** princípios e procedimentos. 3. ed., Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. Análise de Discurso Análise de Discurso Análise de Discurso. In: ORLANDI, E.; RODRIGUES-LANGAZZI, S. L. (org.). **Discurso e Textualidade.** São Paulo: Contexto, 2006.

PÊCHEUX, M. A Propósito da Análise Automática do Discurso, GADET e HAK (Org) In: **Por uma Análise Automática do Discurso.** Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral, 27ª ed.,** São Paulo, Editora Cultrix, 2006.

WISNIK, José Miguel. **O Som e o Sentido:** uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Geração Coca-cola, Disco: Legião Urbana, 1985.

“Índios”, Disco: Dois, 1986.

Que País é Este, Disco: Que País é Este, 1987.